

# INDICADORES DE QUALIDADE DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS APROPRIAÇÕES DA PESQUISA ANTROPOLÓGICA

Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes – REDECENTRO/ UNIUBE/Brasil  
abreubernardes@terra.com.br

Fernanda Telles Márques - REDECENTRO/UNIUBE/Brasil,  
fernanda.marques@uniube.br

Leonora de Abreu Bernardes – PIBIC/UNIUBE, Brasil,  
leonora.bernardes20@gmail.com

Apoio financeiro: FAPEMIG/CAPEB-OBEDUC

## Resumo

As apropriações da pesquisa antropológica nas produções acadêmicas dos programas de pós-graduação em Educação do Centro-Oeste são discutidas neste texto. Pesquisadores da REDECENTRO debruçam-se na análise do estado da arte no período 2006-2007, e dele fazem um recorte que abrange as dissertações com foco na formação inicial do professor. O objetivo é contribuir para a discussão de indicadores de qualidade das pesquisas que se apropriam da metodologia da investigação antropológica em seus estudos. A análise dos dados possibilita afirmar que há tendência nessa apropriação, embora não se identifiquem discussões sobre o aporte metodológico na Antropologia, o que se considera uma limitação na qualidade dos trabalhos analisados.

**Palavras-chave:** Pesquisa em Educação. Antropologia e Educação. Professor.

## Introdução

O objetivo deste estudo interinstitucional é contribuir para a discussão de indicadores de qualidade das pesquisas que se apropriam da metodologia da investigação antropológica em seus estudos. Para isso, articulam-se os resultados já obtidos em estudos anteriores acerca do processo metodológico das produções sobre a formação inicial de professores do Centro-Oeste, nos quais algum nível de apropriação da pesquisa antropológica é reconhecido.

Este é um recorte de uma investigação que abrange os programas de pós-graduação em Educação das instituições UFG, UFMT, UFMS, UnB, UFU e UNIUBE, integrantes da Rede de Pesquisadores sobre Professores(as) do Centro-Oeste – REDECENTRO e do *Observatorio Internacional de la Profesión Docente* – OBIPD da Universidade de Barcelona.

Iniciada em 2003, essa pesquisa, que tem como foco o professor, envolveu, em sua primeira etapa, 20% das dissertações defendidas nesses programas no período de

1999 a 2005, e a análise de seus resultados pode ser lida, dentre outras publicações, em Melo, Silveira e Abreu-Bernardes (2011) e Souza e Magalhães (2011).

Continuando o estudo do estado da arte do Centro-Oeste, a presente etapa conserva o foco no professor e acrescenta em sua metodologia a leitura integral das dissertações e teses defendidas no período 2006 a 2007. Para este texto, foram selecionadas apenas as produções que analisaram a formação inicial de professores, seja em cursos de licenciatura ou de pedagogia, ou que investigaram a prática docente nesses cursos.

Para o registro das leituras, uma ficha de análise foi criada como instrumento pelos pesquisadores da REDECENTRO, e as informações são armazenadas em um Banco de Dados da Rede, o que permite diferentes abordagens das produções examinadas, como a desenvolvida neste capítulo.

### **O que dizem os números das pesquisas com foco na formação inicial de professores**

Inicialmente, considera-se relevante esclarecer ao leitor o interesse que os estudos relacionados à formação inicial de professores têm despertado nos pesquisadores do Centro-Oeste. Reitera-se que estes dados referem-se não só às pesquisas que escolheram a formação inicial como tema, como igualmente às que se dedicaram a analisar as práticas docentes nos cursos de Licenciatura e de Pedagogia. Como se pretendeu tratar da apropriação antropológica no campo educacional brasileiro, analisaram-se apenas 45 produções. Do conjunto de 131 trabalhos localizado, foram descartados 86 escritos, nos quais foram identificadas outras opções temáticas, como é apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 - Foco temático das produções do Centro-Oeste em relação à formação inicial de professores, período 2006-2007.

Foco temático	Produções por IES						TOTAL
	Inst. 01	Inst. 02	Inst. 03	Inst. 04	Inst. 05	Inst. 06	
Formação inicial	01	09	06	16	06	07	45
Outros focos temáticos	12	06	21	22	11	14	86
Total de produções							131

Fonte: Banco de Dados da REDECENTRO, 2012.

Se a intenção de pesquisar a formação inicial de professores abrange 34% das produções analisadas, essa realidade não se repete quando se observa cada instituição. Cada campo educacional traz a sua peculiaridade. Enquanto na Inst. 04 se encontra o maior interesse pela formação inicial, na mesma região isso não ocorre, pois na Inst. 01 apenas um mestrando se interessou por essa temática.

Sobre resultado similar, em trabalho anterior, Abreu-Bernardes e Costa (2011, p. 120) afirmam que a compreensão da gênese da escolha de um tema passa pela análise dos desejos e perguntas subjetivas do investigador, e do mesmo modo, responde ao campo científico, ao campo social, ao campo educacional, enfim ao que Bourdieu chama a pluralidade dos mundos em que o investigador se insere.

A formação de ideias é tributária de seu contexto de produção. Assim, prosseguem as autoras (p. 121), o pós-graduando faz sua escolha inserido em um campo com valores, fatos, objetos, tensões, disputas e interesses específicos, que na universidade se traduzem em linha de pesquisa do orientador, grupos de pesquisa existentes, área de concentração, critérios e instrumentos de avaliação da CAPES e do curso, bibliografia a que é apresentado e novas experiências em eventos e no próprio Programa. A esse contexto acadêmico soma-se a realidade de seu local de trabalho, geralmente uma escola, em que ele reconhece necessidades, apelos e exigências.

Como esses estudos foram realizados? Quais as escolhas metodológicas?

Para responder a essas perguntas, os autores tiveram seu interesse despertado pela proximidade do percurso metodológico à pesquisa em Antropologia. Poder-se-ia denominar essa atitude acadêmica de apropriação dos métodos, técnicas, procedimentos e instrumentos dessa ciência social? Ou seria apenas uma aproximação? Ou, ainda, um uso quase irreverente de um campo investigativo?

A análise dos dados até o momento não possibilita uma resposta com argumentação rigorosa a nenhuma dessas indagações. O que os dados dizem servem mais para fundamentar essas questões, mostrar caminhos e tendências para um aprofundamento do assunto.

Alguns tipos e procedimentos de pesquisa foram, então, selecionados, e apenas esses são aqui apresentados. Mas, antes de relatá-los, alguns conceitos precisam ser explicitados. O primeiro diz respeito ao sentido de apropriação. Esse termo é utilizado neste texto no sentido dado por Chartier: “a apropriação tal como a entendemos visa a uma

história social dos usos e interpretações referidos a suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem” (CHARTIER, 1998, p. 74).

Por apropriações da pesquisa antropológica, entende-se a variedade de formas particulares de recepção, de entendimento e de uso que os pesquisadores da área educacional do Centro-Oeste fazem da metodologia de investigação da Antropologia. Assim, buscou-se explicitar nas produções sobre formação inicial, tipos e procedimentos que são peculiares aos antropólogos, mostrando, ainda, alguns dos indicadores de seu uso. Na tabela 2 são apresentados os tipos identificados.

Tabela 2 - Tipos de pesquisa com apropriação antropológica nas produções sobre formação inicial do Centro-Oeste, 2006-2007.

Tipos de pesquisa	Produções por IES						
	Inst. 01	Inst. 02	Inst. 03	Inst. 04	Inst. 05	Inst. 06	TOTAL
Estudos do tipo etnográficos	01	01	01	08	01	02	12
Pesquisa documental	—	02	—	—	—	01	04
Pesquisa participante	—	—	—	01	—	—	01
História oral	03	01	03	—	03	—	04
Total	04	04	04	09	04	03	21

Fonte: Banco de Dados da REDECENTRO, 2012.

Como o foco são os tipos de pesquisa com apropriação da investigação antropológica, os dados sobre outros tipos não foram considerados. As 21 ocorrências dessa tipologia com aporte nas ciências sociais representam 45% das escolhas metodológicas.

Observa-se que a mesma instituição que mais expressa a escolha pelo estudo da formação inicial, igualmente é a que mais realiza apropriações da Antropologia em suas produções. Inversamente, a instituição 01, que tem apenas uma dissertação com foco na formação inicial não recorre a nenhum tipo de estudo com aporte na Antropologia. É uma peculiaridade constatada e para a qual não se tem explicação ainda, mas que se pretende retornar e aprofundar a análise para compreender esse fato.

Nos estudos do tipo etnográfico, identificam-se indicadores como: o contato direto do pesquisador com a realidade estudada; a utilização de instrumentos como

observação direta, entrevistas, fotografias, vídeos e histórias de vida; a busca do sentido que o sujeito atribui ao que está sendo investigado; a exposição e análise de vários dados primários produzidos pelos informantes (depoimentos, frases, canções, histórias e desenhos) e a revisão e aprimoramento do problema inicial da pesquisa. No entanto, o estudo dos contrastes entre culturas, só foram identificados em duas produções.

Nas pesquisas documentais, constatou-se o uso de documentos originais como os escritos institucionais conservados em arquivos ou de uso restrito; documentos pessoais; arquivos em mídia eletrônica; fotografias, leis, projetos, regulamentos, registros de cartório; catálogos, listas, convites, peças de comunicação, dentre outros. Tais documentos têm em comum o fato de não terem recebido nenhum tratamento acadêmico. Além disso, em menor intensidade, identificou-se o propósito de organizar informações a serem categorizadas posteriormente e de buscar informações a partir de questões da pesquisa. O propósito de contextualizar histórica e socioculturalmente o objeto de estudo foi identificado em apenas dois trabalhos.

A pesquisa participante, presente em apenas uma dissertação do Centro-Oeste, revelou que na interação entre as pessoas envolvidas nos estudos, buscam-se transformações sociais, envolvem-se os participantes em todos os processos e enfatiza-se a formação da consciência política do coletivo.

Outro modo de pesquisar, comum tanto aos trabalhos de historiadores que utilizam as técnicas da história oral, como aos antropólogos, se exprime na procura de dar voz aos sujeitos e de conhecer aspectos da vida dos depoentes, suas representações, percepções, ideias e significados. Igualmente, se propala na busca de testemunhos de pessoas que presenciaram acontecimentos ou participaram de situações ou experiências que possam retratar fatos, instituições, vivências de categorias profissionais, grupos, movimentos sociais, dentre outros, favorecendo a constituição de memórias ou identidades.

Quanto aos procedimentos utilizados, observa-se uma variedade de recursos, o que é coerente às apropriações desenvolvidas. Um(a) dos(as) pesquisadores ao relatar a trajetória metodológica de seu estudo sobre programas de formação de professores indígenas, tendo como cenário as escolas Bororo da Terra Indígena de Tadarimana, localizadas na região Sul do Estado de Mato Grosso, ilustra essa multiplicidade com seu depoimento:

A investigação foi realizada por meio da observação dirigida e de outras técnicas utilizadas em estudos qualitativos e etnográficos, tais como entrevistas semiestruturadas, conversas informais com professores, lideranças, pais, mães, alunos e idosos da aldeia. Busquei informações em fontes documentais, livros-atas de reuniões da escola, caderno de campo, relatórios dos professores e relatórios das etapas intensivas e intermediárias do Projeto Tucum e informações contidas nas avaliações externa do 3º Grau Indígena, dentre outros. Além dessas fontes, fiz anotações de campo acerca do cotidiano das escolas [...] (IES 4, Ficha 81, p. 10 *et seq.*).

O olhar antropológico é possível de ser identificado pelas apropriações realizadas por esse(a) autor(a). A experiência pessoal que ele pretendeu vivenciar no campo, evita o seu aprisionamento em apriorismos. Por outro lado, isso não significa que não se precise dispor de quadros referenciais teóricos sólidos, o que será discutido posteriormente neste texto.

O que os números DO Centro-Oeste dizem mais, agora sobre os procedimentos? (Tabela 3).

Tabela 3 - Procedimentos de pesquisa com apropriação antropológica nas produções sobre formação inicial do Centro-Oeste, 2006-2007.

Procedimentos de pesquisa	Produções por IES						
	Inst. 01	Inst. 02	Inst. 03	Inst. 04	Inst. 05	Inst. 06	TOTAL
Entrevista estruturada	—	02	—	03	01	03	09
Questionário	—	05	01	07	02	03	18
Entrevista semiestruturada	—	03	06	08	03	03	23
Narrativas	—	02	03	02	—	—	07
Observação	01	03	—	05	—	01	10
Observação participante	—	—	01	02	—	02	05
Análise de documentos	—	05	04	06	03	06	24
Relatórios	—	01	—	01	—	—	02
Análise de conteúdo	—	01	—	02	02	01	06
Análise de fotografia	—	01	01	—	—	—	02
Análise de vídeo	—	01	—	—	—	—	01

Procedimentos de pesquisa	Produções por IES						
	Inst. 01	Inst. 02	Inst. 03	Inst. 04	Inst. 05	Inst. 06	TOTAL
Registro em caderno de campo	—	01	—	—	—	—	01
Total	01	25	16	36	11	19	108

Fonte: Banco de Dados da REDECENTRO, 2012.

A análise de documentos e a entrevista são os procedimentos mais utilizados, mostrando que a inserção mais demorada no campo de pesquisa, como, por exemplo, por meio da observação participante, com registros detalhados em diários de campo são menos recorrentes. O prazo limitado para realização de pesquisas de mestrado e de doutorado pode ser uma explicação para a procura de ações investigativas mais rápidas.

Embora ainda tímida, observa-se igualmente uma tendência na utilização de imagens nas instituições 2 e 3. Ao recorrer à fotografia e à vídeo-gravação, além de observar e interpretar os dados inúmeras vezes, o pesquisador poderá, rever as cenas, os cenários e os gestos do acontecimento filmado e analisar pontos que não foram anteriormente percebidos.

Quanto ao referencial teórico-metodológico, são apontados os autores mais citados (Quadro 1).

Tabela 4 - Referencial teórico-metodológico mais utilizado nas produções sobre formação inicial, com apropriação antropológica, no Centro-Oeste, 2006-2007.

Autores	Obras	Frequência das citações	
		por livro	por autor
Marli Eliza D. A. André	Etnografia da prática escolar	06	20
	Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.	02	
	Avaliação externa – relatório dos estudos de caso: o impacto do Proformação	11	
	A formação de professores nas pesquisas dos anos de 1990, In Formação de professores: passado, presente	01	
Robert Bogdan e Sari Biklen	Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos	16	16
Marli Eliza D. A. André e Menga Lüdke	Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas	14	14
Menga Lüdke	O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores.	09	09

Fonte: Banco de Dados da REDECENTRO, 2012.

Em relação a esses referenciais, identifica-se a predominância da leitura de autores que comentam a pesquisa educacional, mas que não fazem uma referência explícita à apropriação do processo investigativo da Antropologia. São exceções: Marli André em seu “Etnografia da prática escolar” (1995), originária de seu trabalho de livre docência e complementada e aplicada em várias pesquisas posteriores. É a escritora mais lida dentre outros 64 autores que fundamentaram as metodologias dos pesquisadores do Centro-Oeste; Robert Bogdan e Sari Biklen, criadores do “Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos” (1994).. Esses autores fazem referência á pesquisa antropológica, mas sem se aprofundarem no assunto.

Dos escritores antropólogos que foram citados em pelo menos duas produções, apenas Ecléa Bosi foi estudada por meio de seu livro “Memória e sociedade: lembrança de velhos” (1994). Considerado um ensaio polifônico da história social de São Paulo, essa obra apresenta originalidades de natureza teórico-metodológica, a começar por uma criação que incorpora o poético e a construção científica, redefinindo relações entre o sujeito e o objeto da pesquisa, e mostrando a alternância de ambos.

### **Reflexões a partir dos resultados**

Diferentemente do usual em texto que apresentam uma pesquisa realizada, neste trabalho o referencial teórico é discutido aqui, após os dados, no local em que se esperaria a sua discussão nas produções analisadas. Essa atitude não visa desrespeitar a academia, mas apenas apresentar as reflexões teóricas das autoras de modo diferente.

Chama a atenção, nas produções sobre o professor na região Centro-Oeste, a menção ao emprego de procedimentos e instrumentos de pesquisa usualmente identificados com a Antropologia, tais como: pesquisa de campo, estudos de tipo etnográfico, observação participante, entrevistas abertas ou com diretividade mínima, registros em cadernos de campo, história oral, registro e leitura de imagens.

Excetuando a etnografia e os elementos que a constituem, não se pode afirmar, contudo, que os demais procedimentos sejam de fato originários da Antropologia, ainda que nela possam estar bem representados. Nesse sentido, pensa-se que a história oral esteja entre os casos em que a apropriação feita por esta ciência se torna mais evidente.

Por outro lado, diferente do que ocorre com o uso da historia oral enquanto

técnica de pesquisa, as relações da Antropologia com o registro de imagens podem ser encontradas tão logo esta ciência se constituiu enquanto tal, ainda no século XIX, sob certa influência do Evolucionismo Cultural.

Se inicialmente os precursores das “pesquisas de campo” sentiam a necessidade de divulgar as imagens daqueles seres sobre os quais falavam, com o passar do tempo, na medida em que o campo original de investigação antropológica demonstrava “encolher” face à voracidade do capitalismo industrial, o registro fotográfico tornou-se expressão de uma urgência em documentar “para preservar”. Do reconhecimento de que aqueles povos e práticas culturais estavam sob ameaça, veio o aumento da produção de documentos fotográficos e, mais tarde, audiovisuais, que não apenas tornavam-se registros históricos como também permitiam leituras e análises.

Para evitar que seja entendido como simples ilustração, o “dado fotográfico”, a ser assim considerado na pesquisa em Antropologia, também precisa ser tratado. Torna-se necessário, então, que a fotografia [...] seja pensada (na sua concepção), analisada e montada (como texto etnográfico) para que se visualize a interpretação proposta pelo pesquisador em sua descrição densa (GODOLPHIM, 1995, p. 183).

Se fotografia e cinema foram bem incorporados à Antropologia – o que pode ser visto na interessante produção feita pela Antropologia visual, revigorada no Brasil após os anos 80 - cabe dizer que, desde o final da década de 1930, essa ciência também se tornou usuária de recursos iconográficos produzidos pelos próprios sujeitos. A partir da utilização que Margaret Mead e Gregory Bateson fizeram de 1200 desenhos produzidos ao longo de três anos por membros adultos de uma comunidade balinesa, outros pesquisadores passaram também a incorporar o desenho a seus instrumentos. Desenvolveram-se, assim, técnicas de análise e/ou de interpretação de desenhos que, não obstante diferentes umas das outras, têm em comum o entendimento de que a produção iconográfica dos sujeitos pode ser lida como uma estrutura narrativa tecida por imagens (MÁRQUES, 1997).

Em sentido inverso ao da história oral, que foi apropriada pela Antropologia enquanto técnica, a Etnografia tem origem antropológica e hoje pode ser vista em pesquisas realizadas por outras áreas do conhecimento.

Proposta enquanto método nas primeiras décadas do século XX, a etnografia tem sido, desde então, uma importante referência do fazer e do pensar antropológicos. É na

introdução da obra “Os argonautas do pacífico ocidental”, publicada em 1922 por Bronislaw Malinowski, que se encontra a sistematização deste método em sua versão original.

Descontente não só com as teorias do Evolucionismo cultural, então em voga, mas também com a metodologia utilizada por outros antropólogos de seu tempo que não iam a campo ou que o faziam em incursões breves e um tanto superficiais, Malinowski (1978) estabeleceu como ponto de partida para a pesquisa etnográfica uma profunda imersão em campo. Ao pesquisador caberia, desde então, afastar-se de seu grupo de origem e buscar no grupo do Outro o estabelecimento de uma relação marcada pela disposição para aprender.

Na Antropologia clássica, aqui representada por Malinowski, a Etnografia é o trabalho de campo por excelência, não se tratando, portanto, de metodologias distintas. E esse trabalho, do qual deverá resultar um texto com a descrição detalhada não de algum fenômeno esparso, mas do *modus vivendi* e da cosmogonia de uma coletividade, dependerá da qualidade da observação participante realizada.

Assim, até que o processo de pesquisa esteja materializado no texto etnográfico, muito trabalho terá sido realizado: o recenseamento da comunidade/grupo e o mapeamento das redes de parentesco; o aprendizado da língua e/ou de outras formas de comunicação; a compreensão das tramas que tecem as redes de sociabilidade; o acompanhamento cotidiano dos sujeitos em atividades diversas (das mais solenes às triviais); a coleta de narrativas e o registro de gestos, sons, expressões, enquanto elementos importantes para a compreensão da visão de mundo dos sujeitos. É a esta totalidade, a ser registrada sem pressa em cadernos de campo e só mais tarde organizada em texto científico, que se denomina pesquisa etnográfica. Ressalta-se, ainda, que, enquanto produção textual, uma etnografia deve, não apenas descrever minuciosamente o campo da investigação (dos sujeitos ao objeto constituído, passando pelo processo de pesquisa), como também apresentar e interpretar categorias nativas, e discutir as proposições hipotéticas (elaboradas em campo, e não antes dele) em suas relações com o quadro teórico adotado (MÁRQUES, 1997).

Diferente dela, que exige, como visto, uma imersão muito específica na cultura que se pretende desvelar em suas várias dimensões, os “estudos de tipo etnográfico”, tal como caracterizados por Marli André (1989) têm sido uma opção cada vez mais

encontrada nas pesquisas em educação.

Na obra “Etnografia da prática escolar”, a autora explica o que caracterizaria referidos estudos. Em primeiro lugar, teríamos o uso adaptado de três técnicas tradicionais na Antropologia: a observação participante, assim reconhecida porque “o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”; a entrevista intensiva, cuja finalidade no estudo seria “aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados”; e, por fim, a análise de documentos, vista como oportuna tanto para uma melhor contextualização do fenômeno, quanto para complementar as informações advindas das outras fontes (ANDRÉ, 1989, p. 28).

Como parte do contexto de desejável interação entre pesquisador e pesquisado, outros três elementos são vistos pela autora como heranças relevantes da etnografia: a preocupação com a visão de mundo do sujeito investigado; a realização de um trabalho de campo; e “a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem”. Assim, nos estudos de tipo etnográfico tal como na pesquisa etnográfica em sentido estrito, seria preciso lançar mão de “um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta reavaliadas, os instrumentos reformulados e os fundamentos teóricos repensados” (ANDRÉ, 1995, p. 30)

Estando entre os autores da metodologia mais citados em trabalhos de pós graduação em educação, a contribuição de Marli André é bastante significativa. Quando alerta para o fato, nem sempre observado, de que a pesquisa de tipo etnográfico é uma adaptação de outro método que vem sendo incorporado sem muita crítica, essa autora favorece uma reflexão mais aprofundada sobre as aproximações possíveis entre os dois campos do conhecimento.

Na década de 1990, pesquisadores como Cláudia Fonseca e Ana Lúcia Valente deram início a oportunos questionamentos sobre a crescente apropriação, muitas vezes ligeira e descontextualizada, de categorias e procedimentos antropológicos por áreas como a educação. Na ocasião, chamavam a atenção relatos de pesquisas educacionais em que a ausência de rigor metodológico parecia ser vista pelos autores como uma característica da pesquisa de base antropológica. Da mesma forma, era possível encontrar um número crescente de trabalhos acadêmicos identificados como “pesquisas

etnográficas” em razão apenas do reduzido número de sujeitos envolvidos.

É certo que a Antropologia em geral envolve usualmente um número reduzido de sujeitos, contudo, para que o método seja considerado como etnográfico, deve-se atentar bem mais à intensidade da imersão em campo, à natureza qualitativa da análise, ao vínculo estabelecido entre pesquisador e sujeitos da pesquisa e à relação disso tudo com o quadro teórico.

Em “Quando cada caso não é um caso”, Cláudia Fonseca (1999) reforça que, enquanto em outras ciências sociais os sujeitos são escolhidos a partir de critérios fixos, esperando-se deles que sejam “representativos” do universo investigado ou das categorias analíticas que foram empregadas na elaboração do projeto, o mesmo não ocorre em pesquisa antropológica, seja ela etnográfica ou não. Contrariando o entendimento de boa parte dos manuais de metodologia científica e de Comitês de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, o trabalho de campo em Antropologia não pode ser iniciado apenas quando o projeto já está pronto. Ao contrário, é preciso que o projeto seja construído levando em conta as modificações impostas pelo contato com os sujeitos:

Estes aspectos ressaltados por Fonseca como fundamentais à identidade da pesquisa em Antropologia (etnográfica ou não), também aparecem nas reflexões de Menga Lüdke e Marli André (1986). Ao apresentar a abordagem etnográfica na pesquisa educacional, as autoras elencam como seus critérios: 1) redescoberta do problema em campo (o que implica no reconhecimento da flexibilidade do projeto de pesquisa); 2) imersão pessoal em campo; 3) extensão do campo por, no mínimo, um ano escolar; 4) experiência prévia com outros povos ou culturas; 5) emprego da observação direta e da entrevista, que podem ser aliadas a histórias de vida, análise documental, testes psicológicos, registro de imagens fotográficas, entre outros; 6) elaboração de um texto final em que as descrições feitas pelo pesquisador estão presentes tanto quanto o vasto material produzido pelos informantes (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Como visto, o material produzido pelos sujeitos pode ser obtido de diversas formas. Contudo, considerando o campo a que se volta a pesquisa etnográfica, a observação direta e participante tem um papel central no adequado desenvolvimento da metodologia, o que pode ser melhor compreendido a partir de Malinowski (1978).

Dependente da qualidade da imersão em campo, é nessa modalidade de

observação, a ser realizada em meio a um processo de participação do dia a dia do grupo ou comunidade investigados, que o pesquisador terá condições de acessar o mencionado “fluxo regular dos acontecimentos cotidianos”.

Para chegar a este ponto, em que é possível usufruir do cotidiano como quem passa despercebido, e não mais como “o estranho que nos observa”, é necessário, entretanto, superar algumas etapas. A depender do grupo em questão, a primeira e mais delicada delas pode ser a abordagem ou tentativa inicial de aproximação. Em outros casos, as dificuldades podem manifestar-se um pouco mais adiante, quando o grupo aceita a aproximação, mas segue controlando o fluxo de informações, mantendo, assim, o pesquisador em uma posição condição de “hóspede” (MÁRQUES, 1997, 2011).

Para alcançar a intencionalidade deste tipo de pesquisa, ou seja, conseguir a desejada visão dos vários elementos que constituem uma totalidade, é esperado que o pesquisador tenha superado a fase anterior. A observação direta e participante não é, portanto, qualquer observação realizada em um cenário no qual o pesquisador também pode inserir-se. Trata-se de um *processo* que não prescinde da sincera aceitação do sujeito que pesquisa por parte dos sujeitos da pesquisa (MÁRQUES, 1997).

Como a observação direta e participante é o sustentáculo da abordagem etnográfica, as questões aqui apresentadas tornam-se fundamentais ao adequado desenvolvimento da metodologia proposta (seja em sua forma original, seja como estudo “de tipo” etnográfico). É só assim que conseguimos que o “esqueleto vazio das construções abstratas” seja preenchido pela “carne e o sangue da vida real” antes reclamados por Malinowski.

Para que isso aconteça, entretanto, os cadernos de campo tornam-se instrumentos fundamentais. Redigidos quase sempre na forma de diários íntimos, os cadernos (ou diários) de campo recebem o registro não apenas de fatos e situações observados. Neles, são anotados também as percepções dos pesquisadores, suas impressões e inquietações, seu deslumbramento, seu desânimo. Através da releitura do próprio caderno de campo se tem “a dimensão do que é o processo de imersão que caracteriza a pesquisa etnográfica: trata-se de uma experiência que nenhuma outra abordagem proporciona, pois tem como pressuposto o contato com o Outro [...]” (MAGNANI, 1997, p.3).

Diferente do que foi encontrado nas produções sobre formação inicial do Centro-Oeste (2006-2007), na pesquisa antropológica é esperado que o caderno de campo

também seja utilizado quando se fizer uso de um tipo de observação identificada como “participante”.

Cumprir dizer que a ausência do registro tradicional em caderno de campo não chega a ser um problema quando este é substituído por instrumento similar, como o *webblog* ou mesmo o portfólio. Para Fonseca (1999), o que mais preocupa é o momento anterior ao registro, ou seja, a própria imersão em campo. Não é raro que trabalhos que anunciam o emprego da observação participante tenham recorrido, quando muito, a algumas idas a campo seguidas de uma entrevista estruturada realizada em lugar isolado e com um sujeito de cada vez. Em tais condições, questiona a autora, como se pode esperar que o pesquisador consiga captar a dimensão social da emoção, tão relevante em uma perspectiva antropológica?

Se a observação ligeira pode acabar substituindo a observação direta e participante em uma pesquisa que se anuncia como tendo orientação antropológica, o oposto também pode ser encontrado: o entendimento de que “a realidade cotidiana pode ser conhecida tão somente a partir dos procedimentos de observação participante” (VALENTE, 2003, p.60). Em casos assim, em que o texto apresentado traz apenas o “registro seco” do que foi visto e ouvido em campo, percebe-se um entendimento de que a realidade é autoexplicativa, o que tornaria dispensável, portanto, o quadro teórico.

Algumas questões podem concorrer para a disseminação dessas leituras equivocadas de procedimentos da Antropologia. Uma delas, apontada por Valente (1996, 2003) é o fato de que a aparente simplicidade destes procedimentos pode fazer com que as exigências do método não sejam claramente percebidas por aqueles de dele se apropriam.

### **Considerações finais**

Ao já escrito, poder-se-ia acrescentar um comentário sobre as peculiaridades do campo educacional do Centro-Oeste onde, como nas demais regiões, a produção científica se vê orientada para a produção de produtos tecnológicos. Esse direcionamento traz como consequência uma azáfama prescritivo e, em muitas situações, deixa em segundo plano a possibilidade de compreender o sentido da realidade em estudo por meio de um profundo e longo diálogo.

Diante desse fato, não é estranho encontrar a apropriação da pesquisa antropológica no campo educacional, em diferentes níveis de abordagem, sem que esse

encontro de campos do saber venha acompanhado de um estudo, e conseqüente fundamentação, dos pesquisadores que têm a Antropologia como espaço preferencial para a construção do conhecimento, como foi identificado neste estudo.

O que não justifica a quase ausência de discussão sobre os conceitos antropológicos dos processos investigativos que lhes tomam como aporte e que contribuem como indicador de qualidade das produções acadêmicas.

## Referências

ABREU-BERNARDES, S.T. et al. 2010. A produção acadêmica sobre o professor na região Centro Oeste: temas e subtemas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 17, 2010, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_; COSTA, G. N. O.. Temas estudados nas pesquisas sobre o professor. In: SOUZA, R. C. C. e MAGALHÃES, S. M. O. (Orgs.). Pesquisas sobre professores(as): métodos, tipos de pesquisas, temas, ideário pedagógico e referenciais. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011. p. 18-28.

\_\_\_\_\_; SILVA; SILVA. Estudos acadêmicos sobre o professor: um recorte na produção da Região Centro-Oeste. *Educação Unisinos* v. v. 16, n. 2, 2012. No prelo.

\_\_\_\_\_; MÁRQUES, F.T.; BATISTA, G.A.. Abordagem qualitativa na pesquisa educacional: um relato sobre as produções no Triângulo Mineiro. *Inter-Ação*, v. 28, n. 1, 2012. No prelo.

ANDRÉ, M. E.; LÜDKE, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

\_\_\_\_\_. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, 3a ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, M. M. D. Concepções de formação inicial de professores: um estudo a partir das produções acadêmicas do Centro-Oeste, período 1999-2005. 2012, 170 f.. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, MG, 2012.

CHARTIER, R. *Au bord de la falaise: l'histoire entre certitudes et inquiétudes*. Paris: Albin Michel, 1998.

COLLIER JUNIOR, J. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU/EdUSP, 1983.

DUARTE, A. J. O. et al. 2011. Rede de pesquisadores sobre os professores no Centro-Oeste. In: SEMINÁRIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: TRABALHO DOCENTE, EDUCAÇÃO SUPERIOR E CULTURA DIGITAL, 3, 2011, Uberaba, *Anais...* Uberaba: UFTM, 2011. 1 CD-ROM.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.10, p.58-78, abr. 1999.

GODOLPHIM, N. A fotografia como recurso narrativo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, set. 1995.

MAGNANI, J. G. C. O (velho e bom) caderno de campo. *Revista Sexta Feira*, n.1, p. 8-12, maio 1997.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato dos empreendimentos e das aventuras dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*, 2. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MÁRQUES, F. T. A “maldição das ruas” e o estigma do pivete. Um estudo antropológico da infância em situação de rua na cidade de Santos, SP. 1997, 282 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 1997.

MELO, G. F., SILVEIRA, M. J.; ABREU-BERNARDES, S. T.. A “pesquisa da pesquisa”: o que dizem as dissertações do Centro-Oeste brasileiro sobre o tema professor. In: CARVALHO, C. H.. *Desafios da produção e da divulgação do conhecimento*. Uberlândia: EDUFU, 2012. v. 1.

SOUZA, R. C. C. e MAGALHÃES, S. M. O (Orgs.). *Pesquisas sobre professores(as): métodos, tipos de pesquisas, temas, ideário pedagógico e referenciais*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.

VALENTE, A. L. Usos e abusos da Antropologia na pesquisa educacional. *Proposições*, Campinas, SP, n.20, p. 54-64, 1996. Disponível em: [http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/20\\_artigo\\_valentealef.pdf](http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/20_artigo_valentealef.pdf)  
Acesso em: 21 ago. 2012.

\_\_\_\_\_. Antropologia e Educação: o antigo diálogo retomado? *Revista da Faced*, Salvador, BA, n. 07, p. 241-259, 2003.